

Self-Portrait in a Convex Mirror

JOHN ASHBERT

As Parmigianino did it, the right hand
 Bigger than the head, thrust at the viewer
 And swerving easily away, as though to protect
 What it advertises. A few leaded panes, old beams,
 Fur, pleated muslin, a coral ring run together
 In a movement supporting the face, which swims
 Toward and away like the hand
 Except that it is in repose. It is what is
 Sequestered. Vasari says, "Francesco one day set himself
 10 To take his own portrait, looking at himself for that purpose
 In a convex mirror, such as is used by barbers...
 He accordingly caused a ball of wood to be made
 By a turner, and having divided it in half and
 Brought it to the size of the mirror, he set himself
 With great art to copy all that he saw in the glass",
 Chiefly his reflection, of which the portrait
 Is the reflection once removed.
 The glass chose to reflect only what he saw
 Which was enough for his purpose: his image
 20 Glazed, embalmed, projected at a 180-degree angle.
 The time of day or the density of the light
 Adhering to the face keeps it
 Lively and intact in a recurring wave
 Of arrival. The soul establishes itself.
 But how far can it swim out through the eyes
 And still return safely to its nest? The surface
 Of the mirror being convex, the distance increases
 Significantly; that is, enough to make the point
 That the soul is a captive, treated humanely, kept
 30 In suspension, unable to advance much farther
 Than your look as it intercepts the picture.
 Pope Clement and his court were "stupefied"
 By it, according to Vasari, and promised a commission
 That never materialized. The soul has to stay where it is,
 Even though restless, hearing raindrops at the pane,
 The sighing of autumn leaves thrashed by the wind,
 Longing to be free, outside, but it must stay
 Posing in this place. It must move
 As little as possible. This is what the portrait says.
 40 But there is in that gaze a combination
 Of tenderness, amusement and regret, so powerful
 In its restraint that one cannot look for long.

Auto-retrato num espelho convexo

TRADUÇÃO DE VIVIANA BOSI CONCAGH

Como fez Parmigianino, a mão direita
Maior do que a cabeça, lançada contra o espectador
E desviando-se suavemente, como a proteger
O que anuncia. Alguns caixilhos de chumbo, velhas vigas,
Peliça, musselina pregueada, um anel de coral, convergem
Num movimento apoiando o rosto, que flutua
Para cá e para lá tal qual a mão
Salvo por estar em repouso. É o que está
Sequestrado. Diz Vasari: “Francesco um dia resolveu
10 Pintar seu próprio retrato, mirando a si mesmo para esse fim,
Num espelho convexo, como os que usam os barbeiros...
Então mandou um torneador fazer
Uma esfera de madeira e, tendo-a dividido ao meio e
Reduzido ao tamanho do espelho, pôs-se
Com grande arte a copiar tudo o que via no vidro”,
Principalmente seu reflexo, do qual o retrato
É o reflexo em segundo grau.
O espelho escolheu refletir apenas o que ele via
O que bastou ao seu desígnio: a sua imagem
20 Vitrificada, embalsamada, projetada num ângulo de 180 graus.
A hora do dia ou a densidade da luz
Aderindo à face conserva-a
Vívica e intacta em onda recorrente
De chegada. A alma se instala.
Mas até onde ela pode nadar para fora através dos olhos
E ainda retornar ao ninho a salvo? A superfície
Do espelho sendo convexa, a distância aumenta
Significativamente; isto é, o bastante para demonstrar
Que a alma é um cativo, tratado com humanidade, mantido
30 Em suspenso, incapaz de avançar muito além
Do teu olhar quando ele intercepta o quadro.
O papa Clemente e sua corte ficaram “estupefatos”,
Segundo Vasari, e prometeram uma encomenda
Que nunca se materializou. A alma tem de ficar onde está,
Embora inquieta, ouvindo pingos de chuva na vidraça,
O suspirar das folhas de outono açoitadas pelo vento,
Ansiando por ser livre, lá fora, mas deve ficar
Posando neste lugar. Deve mover-se
O mínimo possível. Isto é o que diz o retrato.
40 Mas há naquele olhar intenso um misto
De ternura, divertimento e pesar, tão poderoso
Em sua contenção que não se pode olhar por muito tempo.

*The secret is too plain. The pity of it smarts,
 Makes hot tears spurt: that the soul is not a soul,
 Has no secret, is small, and it fits
 Its hollow perfectly: its room, our moment of attention.
 That is the tune but there are no words.
 The words are only speculation
 (From the Latin speculum, mirror):*

50 *They seek and cannot find the meaning of the music.
 We see only postures of the dream,
 Riders of the motion that swings the face
 Into view under evening skies, with no
 False disarray as proof of authenticity.
 But it is life englobed.
 One would like to stick one's hand
 Out of the globe, but its dimension,
 What carries it, will not allow it.
 No doubt it is this, not the reflex*

60 *To hide something, which makes the hand loom large
 As it retreats slightly. There is no way
 To build it flat like a section of wall:
 It must join the segment of a circle,
 Roving back to the body of which it seems
 So unlikely a part, to fence in and shore up the face
 On which the effort of this condition reads
 Like a pinpoint of a smile, a spark
 Or star one is not sure of having seen
 As darkness resumes. A perverse light whose*

70 *Imperative of subtlety dooms in advance its
 Conceit to light up: unimportant but meant.
 Francesco, your hand is big enough
 To wreck the sphere, and too big,
 One would think, to weave delicate meshes
 That only argue its further detention.
 (Big, but not coarse, merely on another scale,
 Like a dozing whale on the sea bottom
 In relation to the tiny, self-important ship
 On the surface.) But your eyes proclaim*

80 *That everything is surface. The surface is what's there
 And nothing can exist except what's there.
 There are no recesses in the room, only alcoves,
 And the window doesn't matter much, or that
 Sliver of window or mirror on the right, even
 As a gauge of the weather, which in French is
 Le temps, the word for time, and which*

O segredo é óbvio demais. Faz pungir de compaixão,
E lágrimas quentes jorrarem: que a alma não é uma alma,
Não tem segredo, é pequena, e cabe
Em seu oco perfeitamente: seu lugar, nosso momento de atenção.
Essa é a melodia mas não há palavras.
As palavras são apenas especulação
(Do latim *speculum*, espelho):
50 Procuram e não conseguem encontrar o sentido da música.
Vemos apenas posturas do sonho,
Cavalgando o movimento que impulsiona o rosto
À vista sob os céus noturnos, sem
Falso desalinho como prova de autenticidade.
Mas é vida englobada.
Seria bom estender a mão
Para fora do globo, porém sua dimensão,
O que o sustenta, não o permite.
Sem dúvida é isto, não o reflexo
60 De esconder algo, que faz a mão avultar enorme
Enquanto recua ligeiramente. Não há maneira
De fazê-la plana como parte de um muro:
Tem de ajustar-se ao segmento de um círculo,
Vagando lentamente de volta ao corpo do qual parece
Uma parte tão improvável, para cercar e escorar o rosto
Onde o esforço dessa condição se lê
Como pontinha de um sorriso, faísca
Ou estrela que não se está certo de ter visto
Conforme a escuridão avança. Uma luz perversa cujo
70 Imperativo de sutileza condena de antemão sua
Presunção de iluminar: insignificante porém intencional.
Francesco, tua mão é grande o bastante
Para destroçar a esfera, e grande demais,
Ao que parece, para tecer redes delicadas
Que apenas atestam seu maior encarceramento.
(Grande, mas não grosseira, simplesmente em outra escala,
Como uma baleia cochilando no fundo do mar
Em relação ao diminuto, arrogante navio
Na superfície.) Mas teus olhos proclamam
80 Que tudo é superfície. A superfície é o que está ali
E nada pode existir exceto o que está ali.
Não há recessos na sala, somente nichos,
E a janela não importa muito, ou aquela
Fenda de janela ou espelho à direita, nem sequer
Como indicador da temperatura, que em francês é
Le temps, a palavra para tempo, e que

Follows a course wherein changes are merely
 Features of the whole. The whole is stable within
 Instability, a globe like ours, resting
 90 On a pedestal of vacuum, a ping-pong ball
 Secure on its jet of water.
 And just as there are no words for the surface, that is,
 No words to say what it really is, that it is not
 Superficial but a visible core, then there is
 No way out of the problem of pathos vs. experience.
 You will stay on, restive, serene in
 Your gesture which is neither embrace nor warning
 But which holds something of both in pure
 Affirmation that doesn't affirm anything.

100 The balloon pops, the attention
 Turns dully away. Clouds
 In the puddle stir up into sawtoothed fragments.
 I think of the friends
 Who came to see me, of what yesterday
 Was like. A peculiar slant
 Of memory that intrudes on the dreaming model
 In the silence of the studio as he considers
 Lifting the pencil to the self-portrait.
 How many people came and stayed a certain time,
 110 Uttered light or dark speech that became part of you
 Like light behind windblown fog and sand,
 Filtered and influenced by it, until no part
 Remains that is surely you. Those voices in the dusk
 Have told you all and still the tale goes on
 In the form of memories deposited in irregular
 Clumps of crystals. Whose curved hand controls,
 Francesco, the turning seasons and the thoughts
 That peel off and fly away at breathless speeds
 Like the last stubborn leaves ripped
 120 From wet branches? I see in this only the chaos
 Of your round mirror which organizes everything
 Around the polestar of your eyes which are empty,
 Know nothing, dream but reveal nothing.
 I feel the carousel starting slowly
 And going faster and faster: desk, papers, books,
 Photographs of friends, the window and the trees
 Merging in one neutral band that surrounds
 Me on all sides, everywhere I look.
 And I cannot explain the action of leveling,

Segue um curso onde as mudanças são meros
Traços do todo. O todo é estável dentro da
Instabilidade, um globo como o nosso, pousado
90 Sobre um pedestal de vácuo, uma bola de pingue-pongue
Segura sobre seu repuxo de água.
E assim como não há palavras para a superfície, isto é,
Nenhuma palavra para dizer o que ela realmente é, que ela não é
Superficial mas um âmago visível, então não há
Saída para o problema de *pathos* vs. experiência.
Permanecerás, rebelde, sereno, em
Teu gesto que não é abraço nem advertência
Mas que contém algo de ambos em pura
Afirmção que nada afirma.

100 O balão estoura, a atenção
Desvia-se, lenta. Nuvens
na poça d'água revolvem-se em fragmentos serrilhados.
Penso nos amigos
Que vieram me ver, em como foi
Ontem. Uma inclinação peculiar
Da memória que se intromete no modelo sonhador
No silêncio do estúdio enquanto ele pensa
Em erguer o lápis até o auto-retrato.
Quantas pessoas vieram e ficaram um certo tempo,
110 Pronunciaram falas claras ou obscuras que se tornaram parte de ti
Como a luz atrás da névoa e da areia levadas pelo vento,
Filtrada e alterada por elas, até que já não resta
Nenhuma parte que sejas tu com certeza. Estas vozes ao anoitecer
Contaram-te tudo e ainda a estória continua
Na forma de memórias depositadas em blocos
Irregulares de cristal. De quem é a mão curvada que controla,
Francesco, a roda das estações e os pensamentos
Que descascam e se evolvem rápidos arfantes
Como as últimas folhas teimosas arrancadas
120 De galhos úmidos? Eu vejo nisso apenas o caos
De teu espelho redondo que organiza tudo
À volta da estrela guia de teus olhos que estão vazios,
Nada sabem, sonham mas nada revelam.
Eu sinto o carrossel começando lento
E indo cada vez mais rápido: mesa, papéis, livros,
Fotografias de amigos, a janela e as árvores
Fundindo-se numa faixa neutra que me envolve
Por todos os lados, em toda parte onde eu olhe.
E não posso explicar a ação de nivelamento,

130 *Why it should all boil down to one
Uniform substance, a magma of interiors.
My guide in these matters is your self,
Firm, oblique, accepting everything with the same
Wraith of a smile, and as time speeds up so that it is soon
Much later, I can know only the straight way out,
The distance between us. Long ago
The strewn evidence meant something,
The small accidents and pleasures
Of the day as it moved gracelessly on,*
140 *A housewife doing chores. Impossible now
To restore those properties in the silver blur that is
The record of what you accomplished by sitting down
"With great art to copy all that you saw in the glass"
So as to perfect and rule out the extraneous
Forever. In the circle of your intentions certain spars
Remain that perpetuate the enchantment of self with self:
Eyebeams, muslin, coral. It doesn't matter
Because these are things as they are today
Before one's shadow ever grew*
150 *Out of the field into thoughts of tomorrow.*

*Tomorrow is easy, but today is uncharted,
Desolate, reluctant as any landscape
To yield what are laws of perspective
After all only to the painter's deep
Mistrust, a weak instrument though
Necessary. Of course some things
Are possible, it knows, but it doesn't know
Which ones. Some day we will try
To do as many things as are possible*
160 *And perhaps we shall succeed at a handful
Of them, but this will not have anything
To do with what is promised today, our
Landscape sweeping out from us to disappear
On the horizon. Today enough of a cover burnishes
To keep the supposition of promises together
In one piece of surface, letting one ramble
Back home from them so that these
Even stronger possibilities can remain
Whole without being tested. Actually*
170 *The skin of the bubble-chamber's as tough as
Reptile eggs; everything gets "programmed" there
In due course: more keeps getting included*

130 Por que tudo haveria de reduzir-se até virar uma
Substância uniforme, um magma de interiores.
Meu guia nesses assuntos é teu eu,
Firme, oblíquo, aceitando tudo com o mesmo
Espectro de sorriso, e ao acelerar-se o tempo, de forma que logo é
Muito tarde, eu consigo apenas ver a saída reta,
A distância entre nós. Tempos atrás,
Os sinais disseminados diziam alguma coisa,
Os pequenos acidentes e prazeres
Do dia à medida que passava sem graça,
140 Uma dona de casa fazendo suas tarefas. Impossível agora
Restaurar estas propriedades no borrão prateado que é
O registro do que realizaste ao te sentares
“Com grande arte para copiar tudo o que vias no espelho”
A fim de aperfeiçoar e podar o extrínseco
Para sempre. No círculo de tuas intenções alguns esteios
Permanecem que perpetuam o encanto do eu pelo eu:
Brilhos nos olhos, musselina, coral. Não importa,
Porque essas coisas são tal como ainda hoje
Antes que a nossa sombra se espraiasse
150 De seu campo em pensamentos de amanhã.

Amanhã é fácil, mas hoje é inexplorado,
Desolado, relutante como toda paisagem
Em ceder as leis de perspectiva que existem
Afinal, apenas para a profunda desconfiança
Do pintor, um fraco instrumento, embora
Necessário. É claro que algumas coisas
São possíveis, é o que sabe, mas não sabe
Quais. Algum dia tentaremos
Fazer tantas coisas quanto possível
160 E talvez tenhamos êxito num punhado
Delas, mas isso não terá nada
A ver com o que está prometido hoje, essa
Paisagem arrebatada de nós até desaparecer
No horizonte. Hoje basta uma capa lustrosa
Para manter a suposição de promessas juntas
Num só pedaço de superfície, deixando-nos ir embora
Para casa de forma que possibilidades
Até mais fortes possam continuar
Intactas sem serem testadas. Na verdade,
170 A pele do quarto-bolha é tão resistente quanto
Ovos de réptil; tudo é “programado” ali
Na ordem prevista: mais e mais vai sendo incluído

Without adding to the sum, and just as one
Gets accustomed to a noise that
Kept one awake but now no longer does,
So the room contains this flow like an hourglass
Without varying in climate or quality
(Except perhaps to brighten bleakly and almost
Invisibly, in a focus sharpening towards death – more
180 Of this later). What should be the vacuum of a dream
Becomes continually replete as the source of dreams
Is being tapped so that this one dream
May wax, flourish like a cabbage rose,
Defying sumptuary laws, leaving us
To awake and try to begin living in what
Has now become a slum. Sidney Freedberg in his
Parmigianino says of it: “Realism in this portrait
No longer produces an objective truth, but a bizarria....
However its distortion does not create
190 A feeling of disharmony. ... The forms retain
A strong measure of ideal beauty,” because
Fed by our dreams, so inconsequential until one day
We notice the hole they left. Now their importance
If not their meaning is plain. They were to nourish
A dream which includes them all, as they are
Finally reversed in the accumulating mirror.
They seemed strange because we couldn’t actually see them.
And we realize this only at a point where they lapse
Like a wave breaking on a rock, giving up
200 Its shape in a gesture which expresses that shape.
The forms retain a strong measure of ideal beauty
As they forage in secret on our idea of distortion.
Why be unhappy with this arrangement, since
Dreams prolong us as they are absorbed?
Something like living occurs, a movement
Out of the dream into its codification.

As I start to forget it
It presents its stereotype again
But it is an unfamiliar stereotype, the face
210 Riding at anchor, issued from hazards, soon
To accost others, “rather angel than man” (Vasari).
Perhaps an angel looks like everything
We have forgotten, I mean forgotten
Things that don’t seem familiar when
We meet them again, lost beyond telling,

Sem alterar a soma, e assim como nos
 Acostumamos a um ruído que nos
 Mantinha acordados mas agora já não mais,
 Também o quarto contém este fluxo como uma ampulheta
 Sem variar em clima ou qualidade
 (Exceto talvez para iluminar-se fria e quase
 Invisivelmente, num foco que se aguça rumo à morte – voltaremos
 180 A isso depois). O que deveria ser o vácuo de um sonho
 Torna-se continuamente repleto, enquanto a fonte dos sonhos
 É esgotada de forma que este sonho único
 Possa crescer, florescer como uma rosa-de-cem-folhas,
 Desafiando leis suntuárias, deixando-nos
 Para despertar e tentar viver de novo no que
 Agora tornou-se um cortiço. Sydney Freedberg em seu
Parmigianino diz: “O realismo neste retrato
 Não mais produz uma verdade objetiva, mas uma *bizarria*...
 No entanto sua distorção não gera
 190 Um sentimento de desarmonia. ... As formas conservam
 Uma forte proporção de beleza ideal,” porque são
 Alimentadas pelos nossos sonhos, tão inconsequentes, até que um dia,
 Percebemos o buraco que deixaram. Agora a importância delas,
 Se não seu significado, é evidente. Deveriam alimentar
 Um sonho que as incluísse todas, à medida que são
 Finalmente invertidas no espelho acumulador.
 Pareciam estranhas porque não conseguíamos vê-las de fato
 E nos damos conta disso só no ponto em que se esvaem
 Como a onda a quebrar na rocha, abandonando
 200 Sua forma num gesto que expressa aquela forma.
 As figuras conservam uma forte proporção de beleza ideal
 Ao alimentar-se em segredo de nossa idéia de distorção.
 Por que sentir-se infeliz com essa situação, se
 Os sonhos nos prolongam ao serem absorvidos?
 Alguma coisa como viver acontece, um movimento
 Do sonho para sua codificação.

Quando começo a esquecê-lo
 Apresenta de novo seu estereótipo
 Mas não é um estereótipo familiar, o rosto
 210 Ancorado, livre dos riscos, pronto
 Para abordar outros, “mais anjo do que homem” (Vasari).
 Talvez um anjo se assemelhe a tudo
 Que esquecemos, quero dizer, coisas
 Esquecidas que não parecem familiares
 Quando as encontramos de novo, indizivelmente perdidas,

Which were ours once. This would be the point
Of invading the privacy of this man who
"Dabbled in alchemy, but whose wish
Here was not to examine the subtleties of art
220 In a detached, scientific spirit: he wished through them
To impart the sense of novelty and amazement to the spectator"
(Freedberg). Later portraits such as the Uffizi
"Gentleman," the Borghese "Young Prelate" and
The Naples "Antea" issue from *Mannerist
Tensions*, but here, as Freedberg points out,
The surprise, the tension are in the concept
Rather than its realization.
The consonance of the High Renaissance
Is present, though distorted by the mirror.
230 What is novel is the extreme care in rendering
The velleities of the rounded reflecting surface
(It is the first mirror portrait),
So that you could be fooled for a moment
Before you realize the reflection
Isn't yours. You feel then like one of those
Hoffmann characters who have been deprived
Of a reflection, except that the whole of me
Is seen to be supplanted by the strict
Otherness of the painter in his
240 Other room. We have surprised him
At work, but no, he has surprised us
As he works. The picture is almost finished,
The surprise almost over, as when one looks out,
Startled by a snowfall which even now is
Ending in specks and sparkles of snow.
It happened while you were inside, asleep,
And there is no reason why you should have
Been awake for it, except that the day
Is ending and it will be hard for you
250 To get to sleep tonight, at least until late.

The shadow of the city injects its own
Urgency: Rome where Francesco
Was at work during the Sack: his inventions
Amazed the soldiers who burst in on him;
They decided to spare his life, but he left soon after;
Vienna where the painting is today, where
I saw it with Pierre in the summer of 1959; New York
Where I am now, which is a logarithm
Of other cities. Our landscape

E que uma vez foram nossas. Este seria o motivo
De se invadir a privacidade desse homem
“Dado à alquimia, mas cujo desejo
Aqui não foi examinar as sutilezas da arte
220 Com espírito distanciado, científico: desejava, através delas,
Partilhar a sensação de novidade e assombro com o espectador”
(Freedberg). Retratos posteriores, tais como o “Cavalheiro”
Nos Uffizi, o “Jovem Prelado” da Borghese e
A “Antea” de Nápoles resultam de tensões
Maneiristas, mas aqui, como assinala Freedberg,
A surpresa, a tensão, estão no conceito
Mais do que na sua realização.
A consonância da Alta Renascença
Está presente, embora distorcida pelo espelho.
230 A novidade é o extremo cuidado em representar
As veleidades da superfície refletora arredondada
(É o primeiro retrato em espelho),
De modo que poderias ser enganado por um momento
Antes de perceber que o reflexo
Não é o teu. Te sentes então como uma dessas
Personagens de Hoffmann que foram privadas
De reflexo, exceto que todo o meu eu
Parece estar suplantado pela estrita
Alteridade do pintor em seu
240 Outro aposento. Nós o surpreendemos
Ao trabalho, mas não, é ele quem nos surpreendeu
Enquanto trabalha. O quadro está quase terminado,
A surpresa quase no fim, como quando olhamos para fora,
Sobressaltados por uma nevada que ainda agora vai
Terminando em salpicos e brilhos de neve.
Aconteceu enquanto estavas dentro, adormecido,
E não há razão por que deverias ter
Ficado acordado, exceto que o dia
Está acabando e será difícil para ti
250 Conseguir dormir esta noite, ao menos até bem tarde.

A sombra da cidade injeta sua própria
Urgência: Roma onde Francesco
Trabalhava durante o Saque: suas invenções
Assombraram os soldados que invadiram sua casa;
Decidiram poupar sua vida, mas ele saiu de lá logo depois;
Viena, onde hoje está o quadro, onde
Eu o vi com Pierre no verão de 1959; Nova York
Onde estou agora, que é um logaritmo
De outras cidades. Nossa paisagem

260 *Is alive with filiations, shuttlings;
Business is carried on by look, gesture,
Hearsay. It is another life to the city,
The backing of the looking glass of the
Unidentified but precisely sketched studio. It wants
To siphon off the life of the studio, deflate
Its mapped space to enactments, island it.
That operation has been temporarily stalled
But something new is on the way, a new preciousity
In the wind. Can you stand it,*

270 *Francesco? Are you strong enough for it?
This wind brings what it knows not, is
Self-propelled, blind, has no notion
Of itself. It is inertia that once
Acknowledged saps all activity, secret or public:
Whispers of the word that can't be understood
But can be felt, a chill, a blight
Moving outward along the capes and peninsulas
Of your nervures and so to the archipelagoes
And to be bathed, aired secrecy of the open sea.*

280 *This is its negative side. Its positive side is
Making you notice life and the stresses
That only seemed to go away, but now,
As this new mode questions, are seen to be
Hastening out of style. If they are to become classics
They must decide which side they are on.
Their reticence has undermined
The urban scenery, made its ambiguities
Look willful and tired, the games of an old man.
What we need now is this unlikely*

290 *Challenger pounding on the gates of an amazed
Castle. Your argument, Francesco,
Had begun to grow stale as no answer
Or answers were forthcoming. If it dissolves now
Into dust, that only means its time had come
Some time ago, but look now, and listen:
It may be that another life is stocked there
In recesses no one knew of; that it,
Not we, are the change; that we are in fact it
If we could get back to it, relive some of the way*

300 *It looked, turn our faces to the globe as it sets
And still be coming out all right:
Nerves normal, breath normal. Since it is a metaphor
Made to include us, we are a part of it and*

260 Vibra com filiações, vaivéns:
Os negócios são conduzidos por olhares, gestos,
Rumores. É uma outra vida para a cidade,
O suporte do espelho de um
Estúdio não identificado mas desenhado com precisão. Quer
Sugar a vida do estúdio, reduzir
Seu espaço mapeado a decretos, insulá-lo.
Essa operação foi temporariamente protelada
Mas algo novo está a caminho, um novo preciosismo
No vento. Podes suportá-lo,
270 Francesco? És forte o bastante para isso?
Esse vento traz o que não conhece, é
Autopropulsor, cego, não tem noção
De si mesmo. É a inércia que, uma vez
Reconhecida, solapa toda atividade, pública ou secreta:
Sussurros da palavra que não pode ser compreendida
Mas sim sentida, um calafrio, um miasma
Expandindo-se ao longo dos cabos e penínsulas
De tuas nervuras e daí para os arquipélagos
E para o aéreo, lavado silêncio do mar aberto.
280 Este é o seu lado negativo. Seu lado positivo é
Fazer-te perceber a vida e as tensões
Que apenas pareciam ter-se ido, mas agora,
Com este novo estilo a questionar, vê-se que estão
Depressa saindo de moda. Se hão de tornar-se clássicos,
Precisam decidir de que lado estão.
Suas reticências têm minado
O cenário urbano, feito suas ambiguidades
Parecerem caprichosas e cansadas, passatempos de velho.
O que precisamos agora é este improvável
290 Provocador golpeando com os punhos as portas de um castelo
Atônito. Teu argumento, Francesco,
Começara a criar bolor visto que nenhuma resposta
Ou respostas lhe eram dadas. Se ele agora se dissolve
Em pó, isso significa apenas que seu tempo acabou
Faz já algum tempo, mas agora olha e escuta:
Pode ser que outra vida esteja armazenada aí
Em recessos que ninguém conhecia; que ela,
Não nós, seja a mudança; que na verdade sejamos ela
Se pudermos voltar a ela, reviver algo do jeito
300 Que parecia ser, volver nossos rostos para o globo quando ele se põe
E ainda nos sairmos bem:
Nervos normais, respiração normal. Já que é uma metáfora
Composta para nos incluir, somos parte dela e

Can live in it as in fact we have done,
Only leaving our minds bare for questioning
We now see will not take place at random
But in an orderly way that means to menace
Nobody – the normal way things are done,
Like the concentric growing up of days
310 Around a life: correctly, if you think about it.

A breeze like the turning of a page
Brings back your face: the moment
Takes such a big bite out of the haze
Of pleasant intuition it comes after.
The locking into place is “death itself”,
As Berg said of a phrase in Mahler’s Ninth;
Or, to quote Imogen in Cymbeline, “There cannot
Be a pinch in death more sharp than this”, for,
Though only exercise or tactic, it carries
320 The momentum of a conviction that had been building.
Mere forgetfulness cannot remove it
Nor wishing bring it back, as long as it remains
The white precipitate of its dream
In the climate of sighs flung across our world,
A cloth over a birdcage. But it is certain that
What is beautiful seems so only in relation to a specific
Life, experienced or not, channeled into some form
Steeped in the nostalgia of a collective past.
The light sinks today with an enthusiasm
330 I have known elsewhere, and known why
It seemed meaningful, that others felt this way
Years ago. I go on consulting
This mirror that is no longer mine
For as much brisk vacancy as is to be
My portion this time. And the vase is always full
Because there is only just so much room
And it accommodates everything. The sample
One sees is not to be taken as
Merely that, but as everything as it
340 May be imagined outside time – not as a gesture
But as all, in the refined, assimilable state.
But what is this universe the porch of
As it veers in and out, back and forth,
Refusing to surround us and still the only
Thing we can see? Love once
Tipped the scales but now is shadowed, invisible,

Podemos viver nela como de fato temos feito,
Só que deixando nossas mentes abertas para um questionamento que
Vemos agora, não acontecerá por acaso
Mas de forma ordenada que não traz ameaça
A ninguém – o modo normal de fazer as coisas,
Como o crescer concêntrico dos dias
310 À volta de uma vida: corretamente, se pensares nisso.

Uma brisa como o virar de uma página
Traz de volta teu rosto: o momento
Tira um grande bocado da névoa
De agradável intuição que vem depois.
Trancar-se em seu lugar é “a própria morte”,
Como disse Berg de uma frase na Nona de Mahler;
Ou, para citar Imogênia em *Cimbelino*, “Não pode
Haver na morte, pinçada mais pungente do que esta”, pois,
Ainda que apenas exercício ou tática, carrega
320 O ímpeto de uma convicção que vinha crescendo.
O mero esquecimento não consegue removê-lo
Nem trazê-lo de volta o desejo, enquanto ele continuar sendo
O precipitado branco de seu sonho
No clima de suspiros lançados através de nosso mundo,
Um pano sobre uma gaiola. Mas com certeza
O que é belo assim o parece somente em relação a uma vida
Específica, experimentada ou não, canalizada em alguma forma
Embebida na nostalgia de um passado coletivo.
A luz submerge hoje com um entusiasmo
330 Que já conheci noutro lugar, e sabia por quê
Parecia significativo, e que outros se sentiram assim
Anos atrás. Continuo consultando
Este espelho que já não é meu
Em busca do máximo de vívido espaço vazio que
Me caiba neste momento. E o vaso está sempre cheio
Porque há apenas espaço suficiente
E nele se acomoda tudo. A amostra
Que se vê não deve ser tomada como sendo
Meramente isso, mas como tudo o que
340 Pode ser imaginado fora do tempo – não como um gesto
E sim como tudo, em estado assimilável, refinado.
Mas é pórtico de que, este universo
A voltear para dentro e para fora, para trás e para frente
Recusando-se a nos envolver e, ainda assim, a única
Coisa que podemos ver? O amor uma vez
Fez pender a balança, mas agora anda na sombra, invisível,

*Though mysteriously present, around somewhere.
But we know it cannot be sandwiched
Between two adjacent moments, that its windings
350 Lead nowhere except to further tributaries
And that these empty themselves into a vague
Sense of something that can never be known
Even though it seems likely that each of us
Knows what it is and is capable of
Communicating it to the other. But the look
Some wear as a sign makes one want to
Push forward ignoring the apparent
Naïveté of the attempt, not caring
360 That no one is listening, since the light
Has been lit once and for all in their eyes
And is present, unimpaired, a permanent anomaly,
Awake and silent. On the surface of it
There seems no special reason why that light
Should be focused by love, or why
The city falling with its beautiful suburbs
Into space always less clear, less defined,
Should read as the support of its progress,
The easel upon which the drama unfolded
To its own satisfaction and to the end
370 Of our dreaming, as we had never imagined
It would end, in worn daylight with the painted
Promise showing through as a gage, a bond.
This nondescript, never-to-be defined daytime is
The secret of where it takes place
And we can no longer return to the various
Conflicting statements gathered, lapses of memory
Of the principal witnesses. All we know
Is that we are a little early, that
Today has that special, lapidary
380 Todayness that the sunlight reproduces
Faithfully in casting twig-shadows on blithe
Sidewalks. No previous day would have been like this.
I used to think they were all alike,
That the present always looked the same to everybody
But this confusion drains away as one
Is always cresting into one's present.
Yet the "poetic," straw-colored space
Of the long corridor that leads back to the painting,
Its darkening opposite – is this
390 Some figment of "art," not to be imagined*

Embora misteriosamente presente, em algum lugar por aí.
Sabemos, porém, que ele não pode ser intercalado
Entre dois momentos adjacentes, que seus meandros
350 Não conduzem a lugar algum senão a afluentes além
E que estes desaguam numa vaga
Sensação de algo que não pode ser conhecido jamais
Ainda que pareça provável que cada um de nós
Saiba o que é e seja capaz de
Comunicá-lo ao outro. Mas o olhar
Que alguns exibem como sinal dá vontade de
Avançar ignorando a ingenuidade
Aparente da tentativa, sem se importar
Que ninguém esteja escutando, pois que a luz
360 Foi acesa de uma vez para sempre nos olhos deles
E está presente, inalterada, uma anomalia permanente,
Desperta e silenciosa. À primeira vista,
Não há razão especial para que essa luz
Seja focalizada pelo amor, ou para que
A cidade caíndo com seus belos subúrbios
No espaço cada vez menos claro, menos definido,
Seja lida como o suporte de seu progresso,
O cavalete sobre o qual se desenrolou o drama
Até sua própria satisfação e até o fim
370 De nosso sonho, como nunca havíamos imaginado
Que acabaria, na luz exausta do dia com a promessa
Pintada apresentando-se como um penhor, uma garantia.
Esse tempo diurno anódino, para sempre indefinido, é
O segredo do lugar em que ele ocorre
E não podemos mais retornar às várias
Afirmções conflitantes reunidas, lapsos de memória
Das testemunhas principais. Tudo o que sabemos
É que chegamos um pouco cedo, que
Hoje tem aquela especial e lapidar
380 Hojidade que a luz solar reproduz
Fielmente ao lançar sombras de ramos em jubilosas
Calçadas. Nenhum dia anterior poderia ter sido como este.
Antes eu achava que eles eram todos iguais,
Que o presente parecia sempre o mesmo para todo mundo
Mas esta confusão esgota-se uma vez que cada um
Está sempre a galgar a crista de seu presente.
Porém, o espaço “poético”, cor de palha
Do longo corredor que leva de volta ao quadro,
Seu oposto obscurecedor – é ele
390 Alguma ficção da “arte”, que não deva ser considerada

*As real, let alone special? Hasn't it too its lair
In the present we are always escaping from
And falling back into, as the waterwheel of days
Pursues its uneventful, even serene course?
I think it is trying to say it is today
And we must get out of it even as the public
Is pushing through the museum now so as to
Be out by closing time. You can't live there.
The gray glaze of the past attacks all know-how:
400 secrets of wash and finish that took a lifetime
To learn and are reduced to the status of
Black-and-white illustrations in a book where colorplates
Are rare. That is, all time
Reduces to no special time. No one
Alludes to the change; to do so might
Involve calling attention to oneself
Which would augment the dread of not getting out
Before having seen the whole collection
(Except for the sculptures in the basement:
410 They are where they belong).
Our time gets to be veiled, compromised
By the portrait's will to endure. It hints at
Our own, which we were hoping to keep hidden.
We don't need paintings or
Doggerel written by mature poets when
The explosion is so precise, so fine.
Is there any point even in acknowledging
The existence of all that? Does it
Exist? Certainly the leisure to
420 Indulge stately pastimes doesn't,
Any more. Today has no margins, the event arrives
Flush with its edges, is of the same substance,
Indistinguishable. "Play" is something else;
It exists, in a society specially
Organized as a demonstration of itself.
There is no other way, and those assholes
Who would confuse everything with their mirror games
Which seem to multiply stakes and possibilities, or
At least confuse issues by means of an investing
430 Aura that would corrode the architecture
Of the whole in a haze of suppressed mockery,
Are beside the point. They are out of the game,
Which doesn't exist until they are out of it.
It seems like a very hostile universe*

Como real, e menos ainda, especial? Acaso não tem ele também seu refúgio
No presente de que estamos sempre escapando
E no qual tornamos a cair, enquanto a roda dos dias
Segue o curso rotineiro, e até sereno?
Creio que ele está tentando dizer que é hoje,
E precisamos deixá-lo assim como o público
Que agora se acotovela ao sair do museu
Para estar lá fora na hora de fechar. Não podes viver ali.
O brilho cinzento do passado corrói todo saber:
400 Segredos de demão e acabamentoo que levaram uma vida inteira
Para se aprender e se reduzem à condição de
Ilustrações em preto e branco num livro em que as figuras coloridas
São raras. Isto é, todo o tempo
Se reduz a nenhum tempo especial. Ninguém
Alude à mudança; fazê-lo poderia
Implicar chamar atenção sobre si mesmo
O que aumentaria o temor de não sair
Antes de ter visto toda a coleção
(Com exceção das esculturas no porão:
410 Elas estão onde deviam.)
Nosso tempo chega a velar-se, comprometido
Pela vontade de durar do retrato. Evoca
A nossa, que esperávamos manter oculta.
Não precisamos de pinturas ou
Versalhada escrita por poetas maduros quando
A explosão é tão precisa, tão perfeita.
Valerá a pena sequer reconhecer
A existência de tudo isso? Será que
Existe? Certamente o tempo livre para
420 Comprazer-se em passatempos aristocráticos não mais,
Já não. Hoje não tem margens, o evento chega
Transbordando suas beiras, é da mesma substância,
Indistinguível. “Jogar” é uma outra coisa;
Existe, numa sociedade especificamente
Organizada como demonstração de si mesma.
Não há outro modo, e aqueles babacas
Que gostam de confundir tudo com seus jogos de espelho
Os quais parecem multiplicar apostas e possibilidades, ou
Pelo menos confundir as questões por meio de uma aura
430 Envolvente que poderia corroer a arquitetura
Do todo numa névoa de zombaria contida,
Passam ao largo do sentido. Estão fora do jogo,
Que não existe até eles saírem dele.
Parece um universo muito hostil

*But as the principle of each individual thing is
Hostile to, exists at the expense of all the others
As philosophers have often pointed out, at least
This thing, the mute, undivided present,
Has the justification of logic, which
440 In this instance isn't a bad thing
Or wouldn't be, if the way of telling
Didn't somehow intrude, twisting the end result
Into a caricature of itself. This always
Happens, as in the game where
A whispered phrase passed around the room
Ends up as something completely different.
It is the principle that makes works of art so unlike
What the artist intended. Often he finds
He has omitted the thing he started out to say
450 In the first place. Seduced by flowers,
Explicit pleasures, he blames himself (though
Secretly satisfied with the result), imagining
He had a say in the matter and exercised
An option of which he was hardly conscious,
Unaware that necessity circumvents such resolutions.
So as to create something new
For itself, that there is no other way,
That the history of creation proceeds according to
Stringent laws, and that things
460 Do get done in this way, but never the things
We set out to accomplish and wanted so desperately
To see come into being. Parmigianino
Must have realized this as he worked at his
Life-obstructing task. One is forced to read
The perfectly plausible accomplishment of a purpose
Into the smooth, perhaps even bland (but so
Enigmatic) finish. Is there anything
To be serious about beyond this otherness
that gets included in the most ordinary
470 Forms of daily activity, changing everything
Slightly and profoundly, and tearing the matter
Of creation, any creation, not just artistic creation
Out of our hands, to install it on some monstrous, near
Peak, too close to ignore, too far
For one to intervene? This otherness, this
"Not-being-us" is all there is to look at
In the mirror, though no one can say
How it came to be this way. A ship*

Mas como o princípio de cada coisa individual é
Hostil a todas as outras, e existe em detrimento delas
Como os filósofos já salientaram muitas vezes, ao menos
Esta coisa, o presente, mudo, indiviso,
Tem a justificativa da lógica, a qual
440 Neste caso, não é uma coisa má
Ou não seria, se a maneira de contar
Não se intrometesse de algum modo, deformando o resultado final
Numa caricatura de si mesmo. Isto sempre
Acontece, como no jogo em que
Uma frase sussurrada corre à volta da sala
E termina em algo completamente diverso.
É o princípio que faz as obras de arte tão distintas
Do que o artista pretendia. Com frequência ele descobre
Que omitiu o assunto sobre o qual principiara a falar
450 De início. Seduzido por flores,
Prazeres explícitos, ele se censura (embora
Secretamente satisfeito com o resultado), imaginando
Que teve algo a dizer na questão e exerceu
Uma opção de que mal teve consciência,
Sem perceber que a necessidade burla tais resoluções
Para criar algo novo
Por si mesma, que não há outra maneira,
Que a história da criação prossegue de acordo com
Leis rigorosas, e que as coisas
460 São feitas dessa forma, mas nunca as coisas
Que pretendíamos realizar e tão desesperadamente queríamos
Ver, passam a existir. Parmigianino
Deve ter percebido isto quando trabalhava em sua
Tarefa obstruidora de vida. Somos obrigados a ver
A realização perfeitamente plausível de um propósito
No suave, até mesmo brando (mas tão
Enigmático) acabamento. Acaso há algo que
Mereça ser levado a sério, para além dessa alteridade
Que se imiscui nas formas mais
470 Comuns da atividade cotidiana, modificando tudo
Ligeira e profundamente, e arrancando a matéria
Da criação, qualquer criação, não apenas a artística
De nossas mãos, para instalá-la em algum pico monstruoso,
Próximo, perto demais para ser ignorado, longe demais
Para se intervir? Essa alteridade, esse
“Não-ser-nós” é tudo o que há para olhar
No espelho, embora ninguém possa dizer
Como isso se tornou assim. Um navio

Flying unknown colors has entered the harbor.
480 *You are allowing extraneous matters*
To break up your day, cloud the focus
Of the crystal ball. Its scene drifts away
Like vapor scattered on the wind. The fertile
Thought-associations that until now came
So easily, appear no more, or rarely. Their
Colorings are less intense, washed out
By autumn rains and winds, spoiled, muddied,
Given back to you because they are worthless.
Yet we are such creatures of habit that their
490 *Implications are still around en permanence, confusing*
Issues. To be serious only about sex
Is perhaps one way, but the sands are hissing
As they approach the beginning of the big slide
Into what happened. This past
Is now here: the painter's
Reflected face, in which we linger, receiving
Dreams and inspirations on an unassigned
Frequency, but the hues have turned metallic,
The curves and edges are not so rich. Each person
500 *Has one big theory to explain the universe*
But it doesn't tell the whole story
And in the end it is what is outside him
That matters, to him and especially to us
Who have been given no help whatever
In decoding our own man-size quotient and must rely
On second-hand knowledge. Yet I know
That no one else's taste is going to be
Any help, and might as well be ignored.
Once it seemed so perfect – gloss on the fine
510 *Freckled skin, lips moistened as though about to part*
Releasing speech, and the familiar look
Of clothes and furniture that one forgets.
This could have been our paradise: exotic
Refuge within an exhausted world, but that wasn't
In the cards, because it couldn't have been
The point. Aping naturalness may be the first step
Toward achieving an inner calm
But it is the first step only, and often
Remains a frozen gesture of welcome etched
520 *On the air materializing behind it,*
A convention. And we have really
No time for these, except to use them

Desfraldando cores desconhecidas entrou no porto.
480 Estás permitindo que assuntos externos
Fragmentem teu dia, empanem o foco
Da bola de cristal. Sua paisagem vai à deriva
Como vapor dispersado no vento. As férteis
Associações mentais que até agora vinham
Com facilidade, não aparecem mais, ou só raramente. Suas
Cores são menos intensas, desbotadas
Pelas chuvas e ventos de outono, deterioradas, enlameadas,
Devolvidas a ti porque são imprestáveis.
Apesar disso, somos de tal forma criaturas de hábitos, que suas
490 Implicações ainda rondam *en permanence*, confundindo
As questões. Levar a sério somente o sexo
Talvez seja um caminho, mas as areias sibilam
Ao aproximar-se do começo do grande deslizamento
Que leva ao que aconteceu. Esse passado
Está aqui agora: a face refletida
Do pintor, na qual nos demoramos, recebendo
Sonhos e inspirações numa frequência
Indeterminada, mas os matizes tornaram-se metálicos,
As curvas e bordas não são tão ricas. Cada pessoa
500 Tem uma grande teoria para explicar o universo,
Mas esta não conta a história inteira
E, no fim, é o que está fora de cada um
Que importa, para ele e sobretudo para nós
A quem não foi dado nenhum tipo de ajuda
Para decifrar nosso próprio quociente de escala humana e temos de recorrer
A conhecimento de segunda mão. No entanto eu sei
Que o gosto de mais ninguém vai ter
Qualquer utilidade, e poderia tranquilamente ser ignorado.
Antes parecia tão perfeito – brilho sobre a delicada
510 Pele sardenta, lábios umedecidos como prestes a abrir-se
Liberando a fala, e o aspecto familiar
De roupas e móveis de que esquecemos.
Este podia ter sido nosso paraíso: exótico
Refúgio no interior de um mundo exausto, mas isso não estava
Nas cartas, porque tal não podia ter sido
O ponto principal. Arremedar naturalidade pode ser o primeiro passo
Para alcançar a calma interior
Mas é apenas o primeiro passo, e frequentemente
Permanece um gesto congelado de boas-vindas esboçado
520 No ar materializando-se atrás dele,
Uma convenção. E não temos realmente
Tempo para eles, salvo se os utilizarmos

For kindling. The sooner they are burnt up
The better for the roles we have to play.
Therefore I beseech you, withdraw that hand,
Offer it no longer as shield or greeting,
The shield of a greeting. Francesco:
There is room for one bullet in the chamber:
Our looking through the wrong end
530 Of the telescope as you fall back at a speed
Faster than that of light to flatten ultimately
Among the features of the room, an invitation
Never mailed, the "it was all a dream"
Syndrome, though the "all" tells tersely
Enough how it wasn't. Its existence
Was real, though troubled, and the ache
Of this waking dream can never drown out
The diagram still sketched on the wind,
Chosen, meant for me and materialized
540 In the disguising radiance of my room.
We have seen the city; it is the gibbous
Mirrored eye of an insect. All things happen
On its balcony and are resumed within,
But the action is the cold, syrupy flow
Of a pageant. One feels too confined,
Sifting the April sunlight for clues,
In the mere stillness of the ease of its
Parameter. The hand holds no chalk
And each part of the whole falls off
550 And cannot know it knew, except
Here and there, in cold pockets
Of remembrance, whispers out of time.

Para acender o fogo. Quanto antes se queimarem,
Tanto melhor para os papéis que temos de representar.
Por isso eu te suplico, retira essa mão,
Não a ofereças mais como escudo ou saudação,
O escudo de uma saudação, Francesco:
Há espaço para uma bala na câmara:
Nosso olhar pela ponta errada
530 Do telescópio enquanto recuas em velocidade
Mais rápida do que a luz para afinal te confundires
Entre os traços do quarto, um convite
Nunca postado, a síndrome de
“Era tudo um sonho”, embora o “tudo” bastante
Lacônico diga o quanto não era. Sua existência
Era real, embora atormentada, e a dor
Deste sonho acordado nunca poderá sufocar
O diagrama ainda esboçado no vento,
Escolhido, destinado a mim e materializado
540 Na claridade dissimulada de meu quarto.
Nós vimos a cidade; é o bojudo
Olho espelhado de um inseto. Todas as coisas acontecem
Na sacada e recomeçam lá dentro,
Mas a ação é o fluxo xaroposo e frio
De um cortejo. Sentimo-nos confinados demais,
Peneirando a luz solar de abril atrás de pistas,
Na mera tranquilidade cômoda de seu
Parâmetro. A mão não segura giz algum
E cada parte do todo se desprende
550 E não pode saber que sabia, exceto
Aqui e ali, em bolsos frios
De lembrança, sussurros fora do tempo.